

CORPORALIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Franciely Moreira Lopes *
Fernando Cotta Trópia Dias **

RESUMO

A corporalidade na ótica do universo feminino pode ser compreendida dentro de um conjunto de representações sociais manifestadas ao longo da história, e é dentro dessa perspectiva que a presente pesquisa pretendeu compreender as representações sociais de mulheres sobre a dimensão da sua corporalidade na construção do feminino na contemporaneidade. Como principais questões objetivou-se investigar os impactos da corporalidade na sexualidade feminina, numa cultura eminentemente misógina, além de estabelecer reflexões sobre os papéis sociais impostos e adjudicados sobre a mulher, naquilo que as mesmas trazem como sentidos atrelados a partir de suas vivências próprias. Esse estudo é de natureza qualitativa, descritivo-exploratória. A coleta de dados foi realizada através de *Entrevistas Semiestruturadas*, contendo questões abertas sobre o tema em questão. Foram realizadas seis entrevistas com mulheres residentes numa cidade do interior de Minas Gerais, com idades entre 22 a 57 anos. Após a análise obtida pelas entrevistas, estabeleceu-se categorias de análise para discussão através do referencial teórico adotado na pesquisa, inspirado nas tematizações sobre *Representação Social* de Moscovici. Pode-se inferir que as mulheres têm uma resistência em assumir que sofrem uma gama de preconceitos, que são vítimas de agressões e violências diversas. Assinalou-se ainda alguns dos problemas enfrentados pelas mulheres na contemporaneidade, oferecendo um espaço para que as mesmas pudessem refletir sobre o papel que ocupam e cumprem, naquilo que se refere também aos seus direitos em exercer sua autonomia, liberdade de desejo e escolhas diante de suas vidas.

Palavras – chave: Corporalidade. Representação social. Sexualidade feminina. Misoginia.

ABSTRACT

Corporeality in the viewpoint of the female universe can be understood within a set of social representations manifested in common sense throughout history, and it is within this perspective that the following research sought to understand the social representations of women when it comes to the dimension of their corporeality in the construction of the feminine in contemporaneity. As main points, the objective was to investigate the impacts of corporeality on female sexuality in an highly misogynist culture, in addition to establishing reflections on the social roles imposed and granted to women, in what they bring as senses linked from their own experiences. This study is of qualitative nature, descriptive-exploratory. The data collection was done through Semi Structured Surveys, including open questions about the given subject. Six interviews were conducted with women living in a town in the state of Minas Gerais, in the age range of 22 to 57 years old. After the analysis obtained from the interviews, it was established categories of analysis for discussion through the theoretical reference adopted in the research, inspired by the thematications on Social Representation adopted by Moscovici. It can be affirmed that women have a resistance in assuming that they suffer from many prejudices and are victims of numerous aggressions and violence. Some of the problems faced by women in the contemporary world were also highlighted, offering a space for them to reflect on the role they occupy and fulfill, in what also refers to their rights to exercise their autonomy, freedom of desire and choices when it comes to their lives.

Keywords: Corporeality. Social representation. Female sexuality. Misogyny.

* Graduanda em Psicologia - Faculdade Ciências da Vida – Sete Lagoas - Minas Gerais
E-mail: francielymoreiralopes@gmail.com

** Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei – Faculdade Ciências da Vida - Sete Lagoas - Minas Gerais *E-mail:* fctropiadias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma ideia concebida como ideal para um corpo humano, com destaque em alguns aspectos corporais que vinculam sentidos específicos de um modelo para ser seguido, a pluralidade de corpos é vista de formas diferentes, como nas deformidades físicas e na obesidade, mas ainda assim o corpo é o elemento privilegiado que faz a condução do que é social e biológico com o que é pessoal e intrínseco (FERNANDES; BARBOSA, 2016). Essa interação pode ser tanto benéfica como pode também gerar algum sofrimento para o sujeito, já que essa diversidade se comporta de formas únicas e, muitas vezes, distantes do padrão previamente estabelecido por uma construção social.

Da forma, a presente pesquisa visa realçar as representações sociais de mulheres como base dessa relação do sentido da corporalidade, com seus atravessamentos múltiplos e divergências individuais. A representação social é aqui representada via pensamento de Moscovici (2009), como uma construção social mediante a interação entre conceitos, práticas e ideias sobre determinado fenômeno a partir das falas e percepções correntes dos indivíduos, ou seja, tudo aquilo que significa um discurso social. Além disso, a sexualidade, incorporada nesse debate, é também tratada neste trabalho entendendo um contexto histórico de permanências e mudanças, a fim de mostrar as diferentes representações que as mulheres constroem nos dias atuais acerca do que vivenciam e apreendem da realidade social. As representações que se dão são experienciadas de modo próprio e não podem ser generalizadas, valendo uma melhor elucidação na atualidade, visto que as interações sociais se dão através da corporalidade, em suas dimensões afetivas e sexuais. Dessa maneira, torna-se relevante investigar, como objetivo geral dessa pesquisa, sobre a representação social das mulheres sobre a corporalidade na contemporaneidade. Como objetivos específicos visou-se compreender o conceito de representação social na construção de Moscovici, dissertar sobre a caracterização do papel social da mulher na contemporaneidade e sua relação com o corpo, os tabus sociais construídos que reforçam estereótipos e preconceitos diversos, além de investigar ainda quais os sentidos são trazidos na busca da maior liberdade de desejo e felicidade da mulher enquanto resistência num mundo essencialmente machista. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-exploratória. A escolha da idade do público para a coleta de dados via entrevistas semiestruturadas como método de análise, se deu pelo entendimento daquelas mulheres que já se encaminharam para uma idade adulta e uma vida social com uma possibilidade de relações sociais amplas e consequente ocupação de espaços sociais mais relevantes a partir da inserção no mercado de trabalho, por exemplo.

A discussão sobre a corporalidade da mulher e sua representação social envolve a justificativa de elucidar os sentidos que o corpo traz e produz na sociedade, relacionando-o com os papéis exercidos pela mulher e pelo lugar do feminino no meio social, permitindo a apropriação de uma análise que se volta para uma construção social de acordo com suas próprias expectativas, representações e desejos. Assim, não apenas a mulher pode ter maior autonomia e conscientização sobre as decisões que envolvem seu próprio corpo, mas também, teoricamente, pode contribuir para um avanço nos estudos sobre os espaços e sentidos ocupados nos espaços sociais, públicos e privados.

Como pressuposto, o feminino é permeado de características próprias que possibilitam a inclusão e exclusão da mulher nos meios sociais, como sua correlação com atributos de fragilidade, sensualidade, misticismo e inocência, tendo como reflexos, os estereótipos e injustiças que resultam num lugar de menor destaque e protagonismo da mulher em relação ao restante da sociedade. Essa subjugação funda-se pelo sentido que se dá à corporalidade da mulher numa sociedade intrinsecamente machista e que permite e difunde a inferioridade do feminino como algo natural, ao reproduzir características e sentidos pejorativos com o intuito de dominação massiva.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA

Antes de dissertar sobre a representação social da mulher a partir de sua corporalidade, é importante destrinchar a história para perceber como o feminino foi se constituindo e atribuindo seu espaço na sociedade e como que sexo, gênero, orientação sexual e corporalidade são diferentes entre si. Um dos pontos marcantes dessa história se iniciou com De Beauvoir (2014) que escreveu o livro *O Segundo Sexo* (primeira edição de 1949) e incitou a discussão sobre sexo e gênero, com a frase clássica: “não se nasce mulher, torna-se mulher” (DE BEAUVIOR, 2014, p. 9), a autora mostra assumir um pensamento de que o gênero é algo construído e não intrínseco ao sexo. Tal pensamento caracteriza um dos momentos pioneiros do questionamento sobre sexo e gênero que tem seguimento na contemporaneidade.

Logo depois, Mead (1969) ao estudar três tribos na Nova Zelândia (Arapesh, Mundugomor e Tchambuli) que compartilhavam de uma organização social semelhante, percebeu que em uma dessas tribos, a dos Arapesh, a docilidade era a característica socialmente aceitável, fazendo com que fosse uma sociedade materna, e tal característica fosse reproduzida por ambos os sexos. Nos Mundugomor, a agressividade era um comportamento difundido em ambos os sexos, não havendo a distinção sexual. Por fim, nos Tchambuli os sexos se opõem ao comparados com a sociedade ocidental. Esse estudo mostra que os gêneros são determinados pela sociedade e não são naturalizações, assim como qualquer representação social, não há uma permanência de uma construção coletiva de alguma noção ou pensamento a respeito de algo, sempre sendo modificado, como um elemento de vida própria que habita os espaços e discursos da sociedade.

Já no final do século XX, Butler (2003), com a primeira publicação de *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* em 1990, transpassa essa significação de gênero ao tomá-lo como um discurso construtivo que antecede a própria cultura e, portanto, promove a relação sexo-gênero com antecedência. Logo, essa filósofa contemporânea, conclui que o gênero é multifacetado de tal forma que não é intrínseco e nem fixo a nenhum sexo, revelando um ponto marcante na história dos estudos sobre sexualidade. Na mesma direção, segundo Laqueur (2001), aponta que na história nem sempre existiu a concepção de dois sexos. No final do século XVII e início do século XVIII se conservava a ideia de que apenas o sexo masculino existia, sendo a mulher um homem invertido. Essa ideia vinha do fato de que os órgãos genitais eram os mesmos, mas na mulher eram para dentro e no homem para fora, segundo a pesquisa do autor. Ou seja, isso mostra que ao longo do tempo, até mesmo a noção de corpo no sentido genital foi relevante para revelar uma representação social presente naquela época.

Nesse deslocamento de gênero com relação ao sexo pode-se falar em masculinidades, que não são inatas e flutuam nas identificações. Robert Connell (1995) trata muito bem da questão das masculinidades, primeiro explicando que as masculinidades são socialmente formadas, já que o *fazer* na sociedade implica nessa construção e não apenas o *pensar*. Daí que se pode constatar a pluralidade do termo masculinidades, pois são construções normativas individuais que se perfazem na esfera social – sendo que a construção pode ser diferente no mesmo contexto. Além das representações femininas, as masculinas também revelam sua inconstância e fluidez.

Nessa discussão não pode-se deixar oculto o pensamento de Bourdieu (1998), que a *pari passu* revela a dominação masculina como um produto das estruturas sociais produzidas

e reproduzidas desde a existência do homem e da mulher que se amplia por todas as sociedades ocidentais. A dominação masculina por mais que seja percebida em alguns momentos de forma consciente, está difundida no *habitus* social e, portanto, se consolida no inconsciente das pessoas. Logo, o comportamento e os pensamentos são permeados por esse simbolismo que delimita o dominante e o dominado, daí que a maioria das ações que tentam converter essa relação acaba por reproduzi-la ainda mais. Mas, de fato, a mudança social pode acontecer de forma gradativa a fim de alterar esse paradigma secular a partir de alterações – tendo como primordiais as forças dos movimentos sociais - em posições do mercado de trabalho e em estruturas-chave como o Estado, a Igreja e a Escola.

Já que é possível perceber a alternância de conceitos de aspectos sexuais que foram construindo o que atualmente existe, a história da humanidade revela que, além da importância do corpo para a diferenciação de sexos, não existe uma concepção sobre sexualidade tão determinante que possa perdurar sem alterações por toda a eternidade. Nesse viés, já esclarecido como a construção do feminino e a fluidez dos conceitos acontece ao longo dos anos, é possível discutir como a corporalidade tem seu papel nas representações sociais da mulher. Essa temática é relevante para esclarecer como que a representação se apresenta diferentemente dado o contexto, a história e a própria cultura de determinado ambiente.

2.2 A CORPORALIDADE NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER CONTEMPORÂNEA

O conceito de representação social pode ser distinguido dos conceitos de ideias e atitudes, já que esses últimos são apenas um ensaio para uma determinada ação, sendo que a representação social ultrapassa essa noção e modifica e reconstitui o próprio ambiente que o comportamento acontecerá com o intuito de tornar familiar aquilo que não é (MOSCOVICI, 2009). Ou seja, essa diferenciação entre os meios externo e interno, a manifestação de algum estímulo por essa via, não faz sentido na representação social, porque essa é algo que reconstrói a todo o momento um determinado objeto, sem apenas reproduzi-lo de forma inalterada. A percepção de mundo pelo indivíduo acontece de forma natural a partir dos estímulos do ambiente, porém existe a necessidade constante de avaliar e compreender a realidade a partir das distorções criadas pela pessoa, ou seja, a realidade pode ser absorvida

mantendo a invisibilidade de alguns elementos do ambiente que não estão na categoria experienciada; as noções e imagens de algo podem alterar a forma como a realidade é concebida e; determinada definição de algo está relacionada à forma como a reação à determinada situação acontece (MOSCOVICI, 2009).

Esse pensamento do autor traduz que os acontecimentos estão envolvidos por uma representação social que permite o nível de relevância, o comportamento e o sentido para que a experiência daquela pessoa se dê. Isto é, determinado objeto só é concebido a partir de uma representação social já previamente imposta pelo senso comum, ou seja, por um conjunto de percepções e opiniões sobre aquilo. Nisso, o corpo humano não é apenas um conjunto de elementos físicos, mas é percebido de diferentes formas, por exemplo, é tratado com individualidade na relação com a saúde, mas de forma socialmente compartilhada quando se trata da beleza, ou seja, o conceito de beleza se ancora na relação com os outros (JUSTO; CAMARGO, 2014).

Sendo assim, a corporalidade é um conjunto de representações sociais dadas por manifestações do senso comum ao longo da história. Além das transformações nos aspectos emancipatórios do feminino no espaço social, a mulher tem outros sentidos que foram sendo construídos. Entre essas construções ainda se instala uma representação social de que a mulher é sensualizada, ou seja, seu corpo está em um patamar de significado capaz de representá-la no senso comum, sendo que esse conjunto de ideias vem da relação do colonizador com a escrava e amplamente difundida na literatura e na arte no passar dos anos (SANTOS, 2014).

A mulher já teve em anos anteriores uma representação social vinculada mais à noção de família e mãe que nos dias atuais, sendo que a mídia, como em revistas, começou a sensualizar mais a mulher com o decorrer dos anos, principalmente com o advento das propagandas de cervejas que são constantemente associadas ao feminino com representação de sensualidade a partir da exposição seminua do corpo feminino dentro dos padrões de beleza atuais (FERRAZ *et al.*, 2016). Essa representação social da mulher é composta por uma noção social de que a qualidade do produto está diretamente vinculada à corporalidade da mulher.

O corpo da mulher brasileira é tão fortemente arraigado na cultura local que faz parte de sua identidade de forma quase majoritária. A partir da compreensão prévia dos mecanismos de dominação que a sociedade machista faz uso, cita-se o papel que a mulher ocupa na sociedade. A mulher é comumente explorada a partir da identidade que tem com seu corpo através da associação turística, isto é, existe uma vinculação da imagem da mulher com

propagandas de turismo brasileiro com a atratividade do corpo da mulher como algo potencialmente explorável (CASTRO; PIRES PINTO, 2014). Por fim, não é apenas o ideal de magreza que está instituído na mulher brasileira, mas que ela também possua um corpo voluptuoso e sensualizado, um ideal de beleza ligado a uma suposta liberdade sexual (CASTRO; PIRES PINTO, 2014).

Portanto, a mulher tem um contexto historicamente de mudanças e apropriações legítimas de espaços sociais, porém ainda com uma vinculação de sensualidade, erotização e sexualidade que se dá com seu corpo. Esse tipo de representação é modificável como a história já mostrou, mas atualmente a mulher é percebida sob essa noção social de corporalidade de uma forma ainda evidente, pois o machismo presente nas cessões de lugares sociais permite à mulher o direito a situações que reforcem essa representação social. É relevante estudar como a própria mulher se sente em relação ao seu corpo, e como esses fatores podem apresentar características de sua representação social que possibilitem uma reconstrução de sua identidade, como mostra a relação da sociedade atual com essa noção de corporalidade.

3 METODOLOGIA

Moscovici (2003) define representação social como uma categoria de uma ideia particular que tem por finalidade a organização de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. A representação social exerce um papel na formação de condutas, onde ela é definida como uma preparação para a ação, tanto por conduzir uma conduta, como por modificar e reconstruir os fundamentos do meio em que está inserido. Seguindo esse pensamento, a presente pesquisa objetiva-se verificar a representação social de mulheres acerca da corporalidade feminina na contemporaneidade. Para tal, elegeu-se mulheres de 22 a 57 anos de idade residentes de uma cidade do interior de Minas Gerais.

O trabalho em questão desenvolveu-se através de uma pesquisa descritivo-exploratória, de natureza qualitativa. Vergara (2000) pondera que “[...] a pesquisa descritiva evidencia as particularidades de uma população ou fenômeno, determina correlações entre variáveis e define sua natureza”. Onde os fatos serão observados, analisados e interpretados, logo, a análise dos fenômenos e a função de significados são básicos no processo da pesquisa qualitativa, buscando responder questões particulares que se preocupam com níveis de

realidade que não sejam quantificados, trabalhando no universo de significados, aspirações, valores e atitudes (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Objetivando a coleta de dados, foram utilizados sites como SciELO e LILACS, e revistas acadêmicas para obtenção de material e conhecimentos embasados cientificamente sobre o assunto proposto com datas de publicação entre 2003 e 2016, o que auxiliou no conhecimento sobre o contexto em que se desenvolveu a pesquisa, e a elaboração dos procedimentos adotados. A partir disto, foi desenvolvida uma Entrevista Semiestruturada como método de intervenção, em que o pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas. Essa técnica tem como vantagem a possibilidade de acesso a uma grande riqueza de informações sobre o assunto abordado. Para Tiviños (1987) a entrevista semiestruturada é caracterizada pelas indagações básicas que são concordados em teoria e hipótese que se corelatam ao tema da pesquisa.

Foi apresentado as participantes o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) sobre a pesquisa, seguidas por 10 questões abertas elaboradas pela própria pesquisadora, cujo objetivo foi colher informações sobre os desafios e o papel da mulher contemporânea na sociedade. As entrevistas semiestruturadas foram transcritas na íntegra e devidamente arquivadas, para posteriormente estabelecer as categorias de análise. Foi realizada uma amostra aleatória de mulheres com 22 a 57 anos de idade contabilizando o total de seis entrevistas, as quais serão identificadas através de nomes fictícios: Priscila, Sônia, Eliana, Lourdes, Bruna e Paula.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos relatos obtidos através da entrevista, foi realizado um agrupamento de acordo com a conveniência e correlação entre os temas, a partir disso, destacaram-se quatro categorias: 01 – Representação social da mulher sobre o feminino e o papel que ocupa na sociedade; 02 – Misoginia, discriminação e violência; 03 – Corporalidade enquanto objeto de consumo e posse; 04 – Sexualidade feminina, práticas amorosas atuais e tabus sociais.

4.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER SOBRE O FEMININO E O PAPEL QUE OCUPA NA SOCIEDADE

Moscovici (2010) caracteriza as representações sociais como um conjunto de ideias, valores e práticas, apresentando funções como, promover que a comunicação exista entre os integrantes de uma comunidade. Codognoto (2011) afirma que por muito tempo a mulher foi nomeada aos afazeres domésticos e à maternidade. De acordo com essas características, a participação social da mulher seria exclusivamente esposa, mãe e doméstica, não podendo conquistar uma posição no mercado de trabalho. A idealização do papel da mulher na sociedade nos submete a construção social e cultural de gênero que torna as relações sociais opostas entre homens e mulheres. Na contemporaneidade as mulheres chefiam famílias, ocupam cargos, casam priorizando seus sentimentos e se divorciam pelo fim deles. Elas estudam, votam, governam, além de exercerem a função de mãe e dona de casa quando decidem ser o momento certo.

O papel da mulher na sociedade tem sido algo bastante ponderado na atualidade, devido a sua luta no processo histórico para ocupar novos espaços no meio social. Segundo Hahner (1990), a mulher exercia algumas finalidades, como procriar, ser mãe, dona do lar, realizando suas funções de mulher. Diante de pensamentos discriminatórios e de exclusão, a mulher passou a brigar por direitos dentro da sociedade, mesmo ainda existindo uma representação social do papel feminino, que foi constituída quanto ao lugar masculino e feminino na sociedade, onde os homens eram fortes, protetores, provedores do lar e as mulheres submissas, frágeis e que precisavam de proteção. Para Moscovici (2010), o conflito vivenciado pelas mulheres que exercem ou irão exercer papéis de liderança, seja no trabalho, na política ou nas relações sociais, é uma mudança na posição social que a mulher exerce.

Sobre o papel que a mulher ocupa na sociedade, podemos observar conforme as falas a seguir:

(...) Eu acho assim, que ser mulher hoje em dia hoje, a gente tem muita liberdade para poder adquirir o que a gente quer, correr atrás dos sonhos da gente, então assim eu acho que vale a pena né. Hoje em dia a mulher ela tá fazendo de tudo, tá fazendo mais do que um homem, hoje a gente vê mulher fazendo serviço de pedreiro, vê mulher sendo motorista. Antes eu era muito privada de liberdade, mas agora essas gerações de hoje já tá tendo muita, porque antigamente a gente era mais controlado, a gente não podia nem sair para trabalhar, hoje a mulher já tem essa liberdade toda, antigamente a mulher só podia ficar dentro de casa e cuidar dos filhos do marido hoje não, ela tem privacidade, tem liberdade ela tá fazendo mais do que um homem. (ELIANA)

(...) Bom, ser mulher se tornou muito mais fácil a mulher é bem mais independente, antigamente ela era mais submissa ao marido né, ao pai hoje a mulher ela já conquistou um lugar melhor na sociedade, eu acredito que melhorou muito... (BRUNA)

O movimento feminista no Brasil trouxe consigo uma série de argumentações sobre o papel que a mulher exerce na sociedade e seus direitos. Hoje a mulher pode ser mãe, esposa, estudante e uma boa profissional, desempenhar vários papéis, e ainda se sentir realizada quanto a isso. O papel da mulher na sociedade passou a ter reconhecimento, não mais se limitando aos afazeres domésticos, mas ocupando lugares de destaque, mesmo sofrendo discriminações, estas continuam de certa forma lutando pelo rompimento de barreiras geradas pela desigualdade de gêneros. A depender do contexto, as mulheres já não mais precisam se submeter a papéis pré-estabelecidos, elas têm certa autonomia para escolherem como querem viver suas vidas e como irão fazer isso. Podem escolher se irão ter filhos, casar, investir na carreira profissional, e ter um relacionamento amoroso. (COUTINHO, 2004). Podemos observar essas afirmativas nas falas das entrevistadas:

(...) para mim a sociedade vê as mulheres como incapazes, só que nós mulheres somos capazes. Hoje nós pode (sic) assumir profissões tipo assim, ser uma gerente de loja de firma né, antigamente as mulheres tinha que ser da cozinha né, hoje não existe isso não, mulher tem capacidade, hoje a mulher tem capacidade de ser tudo lá fora né. (LOURDES)

(...) hoje a mulher busca um papel de igualdade em relação aos homens porém, a gente sabe que ela ainda não conseguiu, prova disso é o salários que os homens ainda continuam ganhando bem mais do que os mulheres mesmo ocupando o mesmo cargo. (PAULA)

(...) a mulher ainda é muito discriminada a mulher ainda é muito taxada, principalmente sobre os direitos do homem, ele ainda tem muito mais direito do que as mulheres. Apesar que, hoje em dia 70% das mulheres trabalham fora e antes elas não podiam, as mulheres tinham aquela obrigação só de cuidar da casa, de cuidar dos filhos não podia nem pensar em trabalhar fora, hoje a maioria praticamente 70% das mulheres trabalham fora elas se dedicam ao trabalho fora e quando chega em casa como se diz a mulher, ela se desdobra para fazer todos os serviços. (SÔNIA)

As mulheres vêm lutando dia a dia para terem direito a um lugar de respeito na sociedade. Elas eram educadas para exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa, dessa forma vivia em função do homem esquecendo muitas vezes de suas prioridades. Com sua inserção no mercado de trabalho, aos poucos conquistam seu espaço no mundo público. Além de ser dona de casa, mãe e esposa, elas têm uma profissão, executando funções que antes eram exercidas pelo homem, mostrando assim sua capacidade. Para OLIVEIRA (1997), a mulher deixou de ser apenas esposa e mãe para ser também operária, professora, enfermeira, ocupando cargos maiores, como arquiteta, juíza, policial, motorista de ônibus e outras.

4.2 MISOGINIA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA

Segundo Molina (2013), o termo misoginia significa desprezo e crítica pela figura da mulher. O homem idealiza a figura da mulher, mas não admite que a realidade seja diferente desse ideal proposto por ele. Perez e Fiol (2000) salientam que homens misóginos apresentam perfil tradicionalista, acreditam na sua supremacia e na inferioridade da mulher. Esses homens mantêm o poder de sustentar a família, acreditam que a mulher é inferior a ele, usando muitas vezes de violência física ou até agressão sexual, para manter um poder sobre essas mulheres, podemos observar essas afirmativas nas falas a seguir:

(...)Acho que, principalmente abusos né pois, o tempo todo a gente vê essas questões sendo repercutidos na TV, informações de mulheres estupradas, isso está estampado na mídia o tempo todo isso são coisas que veem desse a antiguidade e se mantém até hoje. (PAULA)

A violência de gênero é uma manifestação da desigualdade de direitos entre homens e mulheres, as quais resultaram na discriminação dessas mulheres, e prejudicam o desenvolvimento dessas mulheres na sociedade, onde os comportamentos de dominação, opressão e violência ainda fazem suas vítimas, seja através de violência doméstica, sexual ou psicológica. Segundo Werba e Strey (2001), violência de gênero são ações ou circunstâncias que geram agressões, físicas e/ou emocionais, visível e/ou invisível às pessoas em função do sexo. Sobre as violências sofridas pelas mulheres, podemos observar na fala a seguir:

(...) A gente ouve falar muito sobre abusos, principalmente maridos batendo em esposas, acontece muito isso não é só questão física é verbal também, é batendo, violência. Violência verbal acho que essa maneira é até pior, porque machuca mais e fica ali na cabeça da mulher ela sempre pensando nisso fica aquelas palavras que ofendem... (SÔNIA)

Comportamentos como preconceito, intolerância e discriminação dão origem a violências cometidas contra as mulheres, as quais são vítimas do ódio, preconceito e discriminação e dos maus tratos, provocando danos físicos, morais ou psicológicos, danos esses irreparáveis causando muitas vezes a morte dessas mulheres. Isso ocorre pelo fato da sociedade ainda ser machista e preconceituosa. Segundo Fonseca, a violência causa baixa autoestima, submetendo mulheres a situações constrangedoras, causando impacto no desenvolvimento humano e sentimentos de medo, dúvidas e tristezas (FONSECA, 2012). A violência contra a mulher está inserida no seu dia a dia, como abuso sexual, agressão contra

seu corpo, espancamento, tortura física ou psicológica. Essas agressões estão diretamente ligadas à submissão da mulher ao domínio do homem, conforme a fala em destaque:

(...) existem muitas piadinhas sem graças pois, tem homens muito bobo sem cultura nenhuma, que não sabe nem cantar uma mulher, fazer um elogio. Eu nunca sofri isso não mas, eu já presenciei já, estava perto de pessoas e já vi cantadas muito pesadas, também acho que essas músicas, esses funks que a gente escuta o povo cantando eles falam muita coisa, ridicularizam a mulher mesmo e tem muitas mulheres ainda que mesmo escutando a música, ouvindo a letra da música, estão lá dançando, tá gostando e tá achando que tá tudo bom isso é um preconceito com a mulher eu acho! (LOURDES)

A violência cometida contra a mulher, não é só um problema de quem a sofre, é um problema que acomete toda a população, independente de cor, idade, religião, etnia, orientação sexual ou condição social. Os efeitos dessa violência são macrossociais, pois afeta o bem estar, a segurança, o desenvolvimento pessoal e autoestima das mulheres. Embora as medidas protetivas e políticas públicas tenham evoluído com o tempo, muita coisa ainda precisa ser revista e feita. Não basta ter uma lei, é preciso que ela funcione de maneira correta, através de punições rigorosas.

4.3 CORPORALIDADE ENQUANTO OBJETO DE CONSUMO E POSSE

A mulher vivencia um momento de intensa variedade de papéis, traz consigo sentimentos de que precisam corresponder todas as expectativas sobre ela imposta: ser boa esposa, boa dona de casa, boa mãe, boa funcionária, manter-se dentro dos padrões de beleza determinados pela mídia, estar atualizada. Nesse processo de múltiplas funções em que a mulher se sente pressionada para conseguir corresponder a tudo, o cuidado com os filhos e as tarefas domésticas nem sempre estão divididos satisfatoriamente. Segundo Kehl (2004) para a pessoa se sentir incluída na sociedade, ela deve seguir os padrões da imagem idealizada de consumo, em que são relevantes os conteúdos midiáticos onde todos estão bonitos, elegantes e felizes. A mídia exerce uma influência sobre a percepção da autoimagem da mulher, através de uma ideia projetada a seguir um padrão onde não existem mulheres imperfeitas. Sobre a influência da mídia na imagem da mulher, podemos observar as seguintes afirmações:

(...) Eu acho que essas propagandas elas sempre acabam influenciando a imagem da mulher. Por que elas devem estar ali se mostrando? Para que isso? É porque a mídia sabe que vai chamar mais atenção, a mídia vai aumentar, com certeza isso é bobagem eu acho que isso desmerece a mulher, é como se ela fosse bem vista só se ela estiver ali pelada ou provocante, como se não existisse outros tipos de beleza na

mulher. A beleza não é só beleza de mostrar umas pernas com shortinho curto, existe outros tipos de beleza. (SÔNIA)

(...) Essas questões influenciam sim, e muito na imagem da mulher como um objeto, um objeto de consumo principalmente para os homens. (PAULA)

Na sociedade contemporânea, a mídia atua através de comerciais estimulantes ao consumo de diversos produtos, em que se exibem imagens de mulheres muito magras com um padrão de beleza a ser alcançado, elegendo um biótipo que influencia nas exigências sociais que impactam na construção de sua identidade. Berger (2008) afirma que as imagens tem um papel central na cultura de consumo. A imagem do corpo é projetada como espetáculo, trazendo o desejo de construir um corpo ideal. A utilização da mulher em anúncios publicitários, muitas vezes sendo incorporadas a produtos muitas vezes destinados ao público masculino, como as poses sedutoras e o uso de trajes menores funcionam como item de persuasão, tornando essa mulher como um produto, um objeto. Essa figura de objeto sexual passivo surge de forma prevalente em anúncios dirigidos ao público masculino: desde produtos de barbear, roupas masculinas, automóveis, bebidas alcoólicas, etc. Nas entrevistas, pode-se avaliar essa análise nas seguintes falas:

(...)Eu acho que essas propagandas geralmente elas causam uma imagem muito ruim para nós mulher mas, eu acho também que tem muitas mulheres que não se preservam né, elas gostam de aparecer e acaba sujando a imagem de todas nós mulheres. Eu não sei não mas, eu acho também que faz com que o homem pense que ele pode meter a cara com a gente na hora que ele quiser, o que não é verdade. (ELIANA)

(...) A maioria das coisas que a mídia usa é para chamar atenção de homens, e uma mulher bonita e sarada ela sempre atrai o olhar masculino, então acredito que as empresas usam essas marketing para atrair mais compradores, além de tudo o homem ele sempre precisa comprar primeiro com os olhos, para depois adquirir o produto, mas essas propagandas elas criam uma imagem negativa em relação a mulher como por exemplo, as mulheres funkeiras, elas estão ali de shortinhos curto quase seminua e os homens acham que elas têm que ser desrespeitadas e não é assim, ela pode sim, tá de short curto e dançar sem sofrer desrespeito.(BRUNA)

O corpo feminino tem sido tratado como um objeto oferecido pela publicidade, esse corpo vem com um ideal de corpo perfeito, sofrendo exigências da moda e estética, tornando cada vez mais um protótipo cultural a ser seguido. Segundo Sabino (2004), essa cultura de corpo perfeito na sociedade contemporânea vem fazendo com que cada vez mais as mulheres tentem adequar-se aos padrões de beleza impostos pela sociedade, objetivando uma perfeição física inalcançável.

4.4 SEXUALIDADE FEMININA, PRÁTICAS AMOROSAS ATUAIS E TABUS SOCIAIS

A mulher contemporânea conseguiu vários avanços, tanto em direitos reconhecidos, como em comportamentos. Ela pode ter sua própria casa, viajar, pagar suas contas, assumir cargos de liderança, dentre outras coisas, mesmo assim ainda existem certas questões sobre a autonomia da mulher que ainda são tratados como tabus. A sexualidade feminina é algo que ainda incomoda algumas mulheres. Como se ela ficasse sempre em dúvida de como tem que agir, ser sexy ou vulgar, casar virgem ou perder sua virgindade, tomar a iniciativa no namoro ou esperar a atitude do homem, fazer sexo casual ou esperar mais tempo, ter suas próprias fantasias sexuais. Apesar de todas as conquistas femininas ao longo do tempo, a mulher ainda se preocupa em como a sociedade vai reagir ao seu comportamento, a rotulando como uma mulher “fácil”, mulher da “vida” ou até mesmo uma mulher que não é pra casar. Segundo Rotta (2004) a sexualidade é como um controle da vida social ligado a socialização e a aprendizagem de regras sociais a serem seguidas. As falas em destaque mostram essas afirmações:

(...) A sociedade ainda hoje tem aquele tabu, que o homem pode e a mulher não pode, que o homem tem o direito e a mulher não tem por exemplo, se o homem trai, aí todos falam, o homem tem que trair por que não consegue ser fiel, agora a mulher se trai, ela é visto como safada, vagabunda, ela é taxada nisso, a gente vê muito isso ainda eu acho que a mulher tem que ter os mesmos direitos que o homem. (ELIANA)

(...) se uma mulher trai ela ainda é condenada, é chamada de vagabunda e tudo, porque ela fazer isso não pode, na cabeça de muitas pessoas só o homem ainda pode tudo...(PRISCILA)

Ah, eu acho que ainda não é vivida de forma igual do que o homem não. Por que a mulher ela ainda gosta de se preservar, sim tem aquelas que vivem. Mas não é a maioria, ainda tem preconceito sobre isso, porque se a mulher tiver muitos homens a sociedade fala mal dela, que ela é safada essas coisas, o homem ele age como um animal e a mulher não ela age por emoção. (ELIANA)

Existe um tabu na sociedade sobre a vida amorosa da mulher, em que ela tem que ser fiel, mesmo não tendo fidelidade do homem no relacionamento, tem que ser submissa a esse parceiro, sendo tratadas como objeto de satisfação, descartável e determinado pelo mercado. Com isso a relação sexual passou a ser apenas um ato de fácil acesso ao prazer masculino. Segundo Alencar (2010), muitas mulheres na atualidade não consideram mais o sexo como uma imposição do casamento, ou só pela procriação. Elas expressam seu desejo sexual, sua excitação, tendo mais liberdade para dialogar sobre a prática sexual, ressaltando o que gostam e como gostam. Isso fica evidenciado nas falas a seguir:

(...)Para mim, ainda não existe muitos avanços em relação à sexualidade feminina, porque eu acho que muitas mulheres ainda tem muita dificuldade em expor seus desejos, coisa que para o homem sempre foi e ainda é bem mais fácil. A mulher quando ela tem essa coragem de se expor a sociedade ainda faz julgamentos ruins sobre, como se ela fosse fácil como se ela fosse atirada esse tipo de questionamento então, por isso eu ainda acho que a mulher não vivencia a sua sexualidade da maneira que ela gostaria, por medo do que as pessoas vão falar. (PAULA)

(...) Isso depende da mulher, tem muitas que não ligam, faz tudo e gosta mas, também tem aquelas que são mais reservadas que gostam de ficar mais nada dela mas, na maioria das vezes quando as mulheres tem um número maior de parceiros ela é muito julgada pela sociedade. (PRISCILA)

Embora ainda existam mulheres que só praticam a atividade sexual pensando na satisfação do companheiro, não viabilizando prazer a si mesma, esse conceito pré-estabelecido pela sociedade vem experienciando mudanças ao longo do tempo. As mulheres estão se preocupando com a presença de sentimentos, carinho, companheirismo e o que sentem na prática sexual, e não somente se preocupando com a satisfação do parceiro. Como retratam Santos et al (2014), experienciar a sexualidade não necessariamente denota ter vida sexualmente ativa, mas se sentir amada, cuidada pelo parceiro, expressando a importância que um tem na vida do outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar os desafios e o papel da mulher contemporânea na sociedade, assim como a influência da corporalidade da mulher na construção da sua representação social. Esta pesquisa vem contribuir para um entendimento mais amplo sobre o papel que a mulher ocupa na sociedade e as mudanças que aconteceram ao longo do tempo. Este estudo considera que a compreensão do papel que a mulher ocupa, assim como todos seus direitos, ainda é assunto de grande importância, levando em consideração todos os fatores que ele engloba, como a violência e a falta de respeito ao gênero feminino. A objetificação do corpo da mulher é um tema muito complexo e de grande importância, onde a mídia tem uma forte influência sobre como o corpo da mulher é tratado enquanto objeto de consumo e posse, estipulando padrões de beleza atuais, comercializando a imagem da mulher.

Esta pesquisa objetivou informar e esclarecer sobre os preconceitos vividos pela mulher, mesmo com todos avanços na luta pela ampliação de seus direitos, alguns até

assegurados por lei, a mulher ainda é vítima de preconceito, violência e discriminação. A figura da mulher na contemporaneidade assemelha-se a padrões que devem ser seguidos, como ser boa mãe, dona de casa, ser boa esposa, e ser submissa a seu marido. Essa mulher ainda é vista como um objeto de prazer onde sua única função é servir ao homem. É preciso que haja uma desmistificação sobre o papel da mulher na sociedade, delimitando a ela o direito de exercer sua autonomia para fazer suas escolhas, assim como se sentir livre para ser dona de seu próprio corpo e desejo.

A representação da mulher sobre o feminismo e o papel que ela ocupa sofre influência em relação ao padrão de beleza que é pré-estabelecido pela sociedade, assim como os comerciais que vendem a imagem da mulher perfeita deixando de lado a essência dessa mulher. Podemos observar na atualidade uma objetificação do corpo feminino, onde as mulheres são tratadas como objetos de consumo que não tem vontade própria, desejos e direitos. Ainda existe muita discriminação em torno da mulher, como cargos inferiores, salários menores, rebaixamento de funções e a obrigatoriedade de cumprir funções pré-determinadas. Mesmo depois de tantas mudanças ainda existe um tabu muito grande em torno da vida sexual da mulher, o qual traz um pensamento fixo de que ela deve satisfazer o parceiro e procriar sem que satisfaça suas necessidades. É de extrema importância que haja diálogos acerca da violência e discriminação contra essa mulher, pois não é preciso se esconder por medo de sofrer violências, tanto físicas quanto psicológicas, é preciso que aconteça uma mudança cultural sobre os significados que damos a essa mulher, assim como todos os direitos que ela tem na sociedade.

Sobre as limitações do trabalho, a mulher ainda tem uma grande resistência em assumir que sofre preconceito, que são vítimas de agressões e violências, tanto sexuais quanto psicológicas, pelo simples fato de serem mulheres, gerando assim uma dificuldade para o estudo. Observou-se uma relutância das mulheres em questões sobre sua sexualidade e todos os contextos que ela envolve. Como sugestões de trabalhos, indica-se um aprofundamento sobre as questões da corporalidade e a subjetividade da mulher, e como esses fatores influenciam no papel que ela ocupa na sociedade em outras frentes de análise possíveis, como recortes nas esferas da família, trabalho, projeto de vida, comportamento sexual, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C. M. L. (2010). *A mulher e o sexo*. São Paulo, SP: Iglu. Santos, S. M. P. S., Gonçalves, R. L., Azevedo, E. B., Pinheiro, A. K. D., Barbosa, C. A., & Costa, K. N. F. (2014). A vivência da sexualidade por mulheres no climatério. *Rev Enferm UFSM*
- BERGER, Mirela. Corpo e Identidade Feminina – Parte 1,2 e 3. *Saúde Coletiva*, vol.5, n.020, 021 e 023, p.61-66, 2008
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Record, 2003.
- CASTRO, Ana Lúcia; PIRES PINTO, Renata. *Corporalidade brasileira na fabricação da identidade nacional*. Ciências Sociais Unisinos, 2014.
- CODOGNOTO, Luciana Silva - As Representações Sociais e o Feminino nas Esferas Públicas da Sociedade: uma história de lutas, resistências e conquistas. Disponível em: <http://www.finan.com.br/pitagoras/downloads/numero1/asrepresentacoes-sociais-e-o-feminino.pdf> Acesso em: 02.11.2017
- CONNELL, Robert. W. *Políticas da masculinidade*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2. 1995.
- COUTINHO, Maria Lucia Rocha. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil Disponível em: http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n1/art01_t.pdf. Acessado em: 01/11/2017
- DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.
- FERNANDES, Luís; BARBOSA, Raquel. *A construção social dos corpos periféricos*. Saúde e Sociedade, v. 25, n. 1, p. 70-82, 2016.

FONSECA, Denire Holanda; RIBEIRO, Cristiane Galvão; SOARES, Noemi: *Violência Domestica Contra a Mulher Realidades e Representações Sociais*. Centro Universitário de João Pessoa, Brasil 2012.

Hahner, J. (1990). *Emancipating the female sex, the struggle for women's rights in Brazil: 1850-1940*. Durham, NC: Duke University Press

JUSTO, Ana Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu; ALVES, Catarina Durante Bergue. *Os efeitos de contexto nas representações sociais sobre o corpo*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2014.

KEHL, M. R. : Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, E. -Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo, 2004

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Reluma Dumará. 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. . **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 7ªed., 2010. Acesso em: 09 nov 2016.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Acesso em: 12 mai 2017

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. In: Representações sociais: investigações em psicologia social. Vozes, 2009.

_____. S. (1986). Epilogue. In S. Moscovici & C. Graumann (Ed.), *Changing conceptions of Leadership* (pp. 241-249). New York: Springer-Verlag. Moscovici, S. (2010). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (7ª ed.) São Paulo, SP: Vozes

_____. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Eleanora Menecucci, Trabalho, Saúde e Gênero: Na era da globalização. São Paulo: Cultura e Qualidade, 1997.

ROTTA, Ana Helena. Família e sexualidade. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SABINO, C. (2004). *O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Claudiene Reis. *O corpo da mulher brasileira na obra de Gilberto Freyre*. Revista Café com Sociologia, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. 1987. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000. YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Acesso em: 27 abr 2017.

WERBA, G. C. & Strey, M. N. (2001). Longe dos olhos, longe do coração: Ainda a invisibilidade da violência contra a mulher. In P.K. Grossi & G. C. Werba (Orgs.). **Violências e gênero: Coisas que a gente não gostaria de saber** (pp.71-82). Porto Alegre: Edipucrs.